

Amem

Notícias



Entidade Paramaçônica
vinculada à GLESP

Informativo Virtual da Associação de Médicos Maçons

ABIM - JV 010

Edição nº 18 - Ano II - Dezembro/18

“Medicina é a Arte da
Incerteza e a Ciência
da Improbabilidade.”

Sir William Osler



Editorial

AMEM - Com Você e Pra Você!

Objetivando fidelidade aos princípios que a constituíram, a AMEM traz em seu veículo de comunicação, o AMEM – Notícias, através das matérias “O Programa Mais Médicos e o Novo Governo”, e “As Origens dos ‘Médicos’ Cubanos”, sua posição diante do questionável “Programa Mais Médicos”, em efetivo exercício, desde a administração de Dilma Rousseff. Buscar-se-á, nos artigos apresentados, uma síntese do que realmente o é, e os objetivos escusos nele embutidos, para amplo conhecimento público.

Basta lembrar que, estes mesmos governantes, quando acometidos por diferentes enfermidades, não recorreram aos “médicos” cubanos, tampouco aos serviços do SUS – Sistema Único de Saúde, que servem a nossa população, mas buscaram os Serviços do Hospital Sírio Libanês, pago com altas somas do dinheiro dos contribuintes.

A matéria “Um Maçom como Ministro da Saúde”, ressalta o belo trabalho do autor da Frente Parlamentar da Medicina, lançado nas comemorações do Dia do Médico, em 2017, no Plenário da Câmara Federal, em Brasília.

Ainda, nesta edição, apresentamos um resumo do sucesso do I Congresso Brasil-Paraguai de Médicos Maçons, promovido pela Amem-Brasil, que teve uma repercussão surpreendente, projetando, desde então, a próxima edição do evento e escrevendo as primeiras páginas de uma bela história. A AMEM se congratula com todos que direta ou indiretamente contribuíram para o estrondoso sucesso desse nobre evento!

Encontrar-nos-emos na próxima edição! 

Informativo Virtual da AMEM-Brasil - Associação de Médicos Maçons, de periodicidade mensal, distribuído pela Internet, através de e-mails cadastrados e redes sociais para cerca de 29 mil leitores de todo o Brasil.

Diretor Presidente - Alfredo Roberto Netto
Editor Responsável - Jornalista Francisco Feitosa da Fonseca MTb 19038/MG

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus signatários!



Presidente - Alfredo Roberto Netto

1º Secretário - Paulo Roberto Muzzi

1º Tesoureiro - Márcio José V. Saconi

Diretor Científico e de Cerimônias - Erudes Rodrigues da Silva Junior

Diretor de Divulgação e Marketing - Flávio Sanches Cantoni

Diretor Jurídico - Ademar do Nascimento Távora Neto

Vice-Presidente: Márcio P. Conzo Monteiro (in memoriam)

2º Secretário - Carlos Andrés Rodriguez Pantanali

2º Tesoureiro - Vinicius de Meldau Benites

www.amem-brasil.org.br

CNPJ - 19.490.595/0001-39

Conselho Fiscal

(Efetivos) - Samer Farhoud, Edwin Luis Penaloza Terrazas, Edwin Luis Penaloza Terrazas e Dagoberto de Castro Brandão.

(Suplentes) - Hercilio Rohrbacher e Sílvio Carlos Ferreira.

Conselho Deliberativo

(Efetivos) - Horizonte Sakalauskas Pretel, Jacob Samuel Kierszenbaum, Ivo Sbarufatti Filho, Jarbas Simas e Syd de Oliveira Reis.

(Suplentes) - Mario Monteiro de Messas e Marco Antônio Martins Marsiglia.



I Congresso Internacional Brasil-Paraguai de Médicos Maçons

Ainda, repercute o sucesso do I Congresso Internacional Brasil – Paraguai de Médicos Maçons. O evento reuniu 91 Irmãos, e mais de uma dezena de cunhadas, todos com ativa participação e confraternização, acompanharam todos os momentos e palestras ofertadas. Estiveram representados, pelos Irmãos, os países do México, Bolívia, Argentina e Paraguai, além de Irmãos da capital e do interior de São Paulo e de outros oito estados, destacando-se os distantes estados da Paraíba e Amapá.

Na sexta-feira à noite, propositadamente, foi reservada, apenas, para a apresentação dos Irmãos dos diferentes Estados e países, alcançando resultados acima do esperado, permitindo forte aproximação relacionamento entre todos os presentes. No sábado, pela manhã, a AMEM homenageou aos Irmãos Cid Gomes e Paulo Roberto Muzzi, pelo exemplar comportamento maçônico nos diferentes setores de suas vidas e na Ordem.

Estavam presentes o colega e Irmão Dr. Roberto Luiz d'Ávilla, representando o CFM – Conselho Federal de Medicina, cujo presidente estava em viagem para o exterior, e o Respeitável Irmão Paulo Nogueira de Andrade, Delegado da 7ª Região da GLESP, representando o Sereníssimo Grão-Mestre Ronaldo Fernandes.

A palestra de abertura, com a presença do recém nomeado Ministro da Saúde, o médico, Irmão e Deputado Federal Luiz Henrique Mandetta, impressionou a todos. Seu carisma e simplicidade, inter-relacionando-se com os presentes cativou a todos. Na sequência, a exposição do Irmão e Bispo da Igreja Católica Carismática, com o tema “A Maçonaria e a Igreja – Mitos e Verdades”, recebeu veementes elogios dos presentes.

Após o almoço, fomos brindados por outra palestra – “O Iluminismo e a Maçonaria”, ministrada pelo Prof. Dr. e Filósofo Marcelo Silva de Carvalho, que esclareceu inúmeros detalhes deste difícil tema. As exposições dos “Hermanos”


Paraguaios Arturo Bernadino P. Gimenez e Alejandro Mazzotte Gagliard ofereceu amplo conhecimento dos trabalhos da Associação coirmã e dos “hermanos” médicos daquele país.

O Irmão Médico Alysom Henrique Figueiredo nos brindou com excelente exposição sobre o “Instituto dos Médicos formados no Exterior”, trabalho desenvolvido para auxílio de jovens que tem sua formação profissional médica no exterior, e retornam buscando se adequar às leis brasileiras e por ele auxiliados no Estado da Paraíba.

Conclui-se o dia de palestras com a brilhante exposição do Presidente da AMB – Associação Médica Brasileira, apresentando o importante papel que desempenha esta sociedade de abrangência nacional. Dr. Lincoln Lopes Ferreira impressionou a todos, em português e espanhol. Vale destacar que Dr. Lincoln esteve presente em todas as apresentações do dia, inter-relacionando-se, amistosamente, com os colegas.

Dois momentos merecem destaque. Os Irmãos e colegas Reynaldo Jesus Jimenes Gonzalez, do México, e Marco Antonio Pareja Barahona, da Bolívia, trouxeram ofícios de suas Potências Maçônicas, solicitando informações e auxílio da AMEM para a constituição de Associações Médicas Maçônicas em seus países, fato que estimulou os Hermanos da Argentina presentes, a tomarem a mesma decisão.

Dos fatos acima surge, então, após constituídas as sociedades, buscar a composição da futura Sociedade Internacional de Médicos Maçons. Foi lançada a semente! Pelo sucesso do evento, promissores trabalhos futuros podem ser vislumbrados.

À noite, durante o delicioso e festivo jantar, estendeu-se o fraterno convívio até que o cansaço venceu a todos, levando-nos ao merecido descanso, com a consciência do dever cumprido. 



Luiz Henrique Mandetta

Um Maçom como Ministro da Saúde

Alfredo Roberto Netto

Com grata surpresa, recebemos a notícia da escolha do Irmão e Deputado Federal Luiz Henrique Mandetta como o Ministro da Saúde no governo de Jair Bolsonaro, o novo presidente eleito.

Cargo de especial importância, era o objetivo de alguns setores da Medicina, cujos candidatos corriam por fora, buscando sua indicação para o cargo, colocando seus apoiadores a levantar os problemas de seus adversários, como arregimentar manifestações de algumas entidades médicas a seu favor. Antiga manobra política de desmerecer seu concorrente, apontando possíveis defeitos objetivando diminuí-lo, e mostrar força pelo apoio que apresenta. Mas seu nome já tinha sido ventilado pelo Presidente Eleito como possível ministro, na imprensa, há alguns dias, contando com o apoio da Frente Parlamentar da Saúde (FPS) e outras frentes da área na Câmara, como, também, dos hospitais filantrópicos e de algumas entidades médicas.

Sul-mato-grossense da capital Campo Grande, Mandetta é médico formado pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro (RJ). Em seguida, no começo dos anos 1990, fez residência no serviço de Ortopedia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - o serviço era chefiado pelo pai dele, o, também, ortopedista Hélio Mandetta, que foi vice-prefeito de Campo Grande, nos anos 1960. Poucos anos depois, fez uma especialização

em ortopedia infantil em Atlanta (EUA). Ainda, nos anos 1990, trabalhou durante um ano como médico do Exército, no posto de tenente - o período correspondia ao serviço militar obrigatório da época.

Entrou para a política em 2005, assumindo a Secretaria de Saúde da cidade de Campo Grande, no governo de Nelson Trad Filho (MDB), conhecido como Nelsinho Trad. Antes, de 2001 a 2004, foi presidente da Unimed de Campo Grande e, em 2010, candidatou-se para seu primeiro cargo público, o de deputado federal. Foi eleito com 78,7 mil votos.

Já no primeiro ano de mandato, foi escolhido por seus pares como presidente da Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), uma das mais importantes da Câmara. Em 2014, Mandetta reelegeu-se deputado federal com 57,3 mil votos.

Para sua nomeação, teve o aval do ministro extraordinário da transição, Onyx Lorenzoni (DEM-RS), mas, apesar disso, os Democratas tratam sua indicação como escolha pessoal de Bolsonaro. A indicação de Mandetta foi oficializada numa reunião com representantes do setor de saúde e parlamentares ligados ao tema, no CCBB.


O futuro ministro comandará a pasta com um dos maiores orçamentos da Esplanada. O Orçamento de 2019 reserva cerca de R\$ 128 bilhões para a Saúde.

Em 2013, Mandetta notabilizou-se como um dos principais opositores ao “Programa Mais Médicos”, criado na gestão da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Num texto em primeira pessoa publicado em seu site, Mandetta diz que o programa era “muito eleitoreiro”. Escreveu ele: “O governo não mais exigiu provas, tratou esses trabalhadores, não como trabalhadores individuais, mas como trabalhadores de um país como uma commodity, atingindo os trabalhadores, retendo seus salários retendo seus documentos, proibindo seu deslocamento livre no território brasileiro permitindo que supervisores do regime de Cuba fizessem esse tipo de fiscalização política de suas atividades e isso mereceu de minha parte a mais veemente condenação”.

Durante a votação que aprovou a criação do “Programa Mais Médicos”, Mandetta disse que o convênio do governo brasileiro com a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) era um “gato” (como os de energia), e um “navio negreiro do século XXI”. Disse, também, que o programa era uma “peça de marketing” da gestão de Dilma.

Recentemente, quando o governo cubano decidiu retirar os cerca de 8,4 mil médicos do programa, Mandetta envolveu-se em uma nova polêmica: propôs que o governo usasse um dispositivo da Lei do Serviço Militar para obrigar os estudantes recém-formados em Medicina a atuar no programa. “Você coloca os médicos recém-formados como médicos militares aspirantes”, disse ele.

“Este era um dos riscos de terceirizar uma área tão essencial. Parece-me que era muito mais um convênio entre Cuba e o PT, e não entre Cuba e o Brasil (...). Nós precisamos de políticas que sejam sustentáveis. As improvisações em saúde costumam terminar mal”, disse ele a jornalistas em sua primeira entrevista após a indicação.

Este é nosso Irmão Luiz Henrique Mandetta. Desejamos-lhe uma profícua gestão frente ao Ministério de Saúde, que é responsável pela saúde de nossa nação. Que os “sãos” princípios maçônicos sejam os alicerces de sua administração. 

Fonte: Matheus Magenta, da BBC News Brasil em São Paulo e André Shalders - @andreshalders da BBC Brasil em São Paulo.

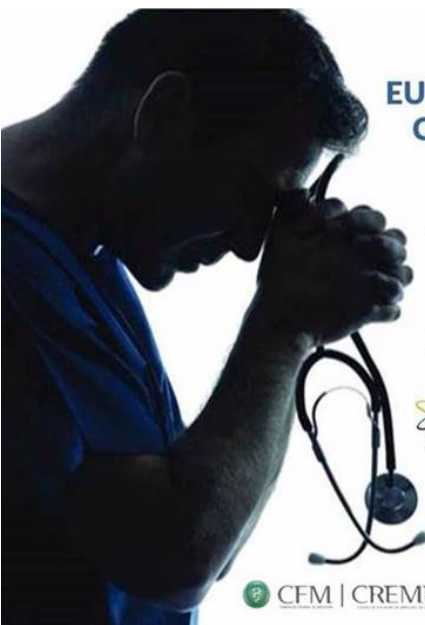


Entidade Paramaçônica
vinculada à GLESP

Associe-se à AMEM-Brasil!

Se você é Médico e Maçom Regular!
Acesse nosso site e saiba como!
www.amem-brasil.org.br

Ajude-nos nessa altruística empreitada!




EU NÃO TENHO CULPA DISSO!

Os profissionais da área de saúde se unem para combater o descaso do poder público para com a saúde pública e a população brasileira.



CFM | CREMESP 60 | CRM-RR

Lançada pela Associação de Médicos Maçons (AMEM), a campanha “EU NÃO TENHO CULPA DISSO” tem como principal objetivo conscientizar a população de que o caos da Saúde Pública no País não é de responsabilidade da classe médica.

A ação destacará que o profissional médico é igualmente vítima das más condições de atendimento. A estratégia, também, tratará sobre a má distribuição de profissionais pelas diferentes regiões do país e atribuirá a escassez de médicos à inexistência de um Plano de Carreira, de condições estruturais e instrumental para o digno exercício profissional, assim como a falta de compromisso dos gestores. 



O “Programa Mais Médicos” e o Novo Governo!

por Francisco Feitosa

O Presidente Eleito Jair Messias Bolsonaro se posicionou com relação ao Programa Mais Médicos, afirmando: “Condicionamos à continuidade do programa Mais Médicos a aplicação de teste de capacidade (Revalida), salário integral aos profissionais cubanos, hoje, maior parte destinados à ditadura (74% dos R\$11.520,00 vai para a ditadura cubana e, apenas, R\$ 3.000,00 para os médicos), e a liberdade para trazerem suas famílias. Infelizmente, Cuba não aceitou”.

Continua o Presidente Eleito: “Além de explorar seus cidadãos ao não pagar integralmente os salários dos profissionais, a ditadura cubana demonstra grande irresponsabilidade ao desconsiderar os impactos negativos na vida e na saúde dos brasileiros e na integridade dos cubanos”.

O Programa Mais Médico abrange 18.240 vagas, em 4 mil municípios do Brasil, sendo 47,1% (8,6 mil) dos médicos do programa são cubanos.

Segundo a jornalista Beatriz Jucá, “os questionamentos sobre a formação profissional dos médicos cubanos e as condições impostas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro, para dar continuidade ao programa Mais Médicos no Brasil, com os profissionais da ilha comunista, levou o Governo cubano a encerrar sua participação no programa no país e solicitar o retorno à ilha dos 8.332 mil especialistas, que atuam no Brasil. As condições impostas por Bolsonaro — de exigir a revalidação do diploma e contratar, individualmente, os profissionais cubanos — foram consideradas inaceitáveis. Em nota, o Ministério de Saúde Pública de Cuba considerou “inaceitável” que se questione a competência e o altruísmo dos colaboradores cubanos”.

Em resposta à decisão do governo cubano, o Ministério da Saúde convocará, nos próximos dias, um edital para médicos brasileiros que queiram ocupar as vagas deixadas pelos profissionais cubanos. “Será respeitada a convocação prioritária dos candidatos brasileiros formados no Brasil, seguida de brasileiros formados no exterior”, diz a nota do órgão, que, também, “reafirma e tranquiliza a população que adotará todas as medidas para que profissionais brasileiros estejam atendendo no programa de forma imediata”.

De acordo com o Ministério da Saúde, pelo menos, 154 ações são movidas na Justiça, por 194 médicos de Cuba, que vieram ao Brasil pelo programa Mais Médicos.





Eles pedem para permanecer no país, trazendo suas famílias e receberem o valor integral do salário.

As ações na Justiça são contra a Organização Panamericana de Saúde (Opas), intermediária do convênio, a União Federal e/ou o governo de Cuba. O caso foi publicado pelos jornais “The New York Times” e “O Globo”. No acordo que trouxe os cubanos ao Brasil, ficou estabelecido que o governo brasileiro deve pagar os salários deles à Opas, que, então, os repassa ao governo de Cuba, que é responsável pelo contrato com os médicos.

O Conselho Federal de Medicina (CFM) se manifestou sobre o anúncio feito pelo Governo de Cuba de retirada de seus intercambistas dos quadros do Programa Mais Médicos. Em nota, a autarquia reiterou que o Brasil conta com médicos brasileiros em número suficiente para atender às demandas da população.

No comunicado, publicado em seu site oficial, o órgão destaca, também, que, “historicamente, os médicos brasileiros têm atuado, mesmo sob condições adversas, sempre, em respeito ao seu compromisso com a sociedade”. Além disso, ressalta que cabe ao governo, nos diferentes níveis de gestão, “oferecer aos médicos brasileiros condições adequadas para atender a população, ou seja, infraestrutura de trabalho, apoio de equipe multidisciplinar, acesso a exames e a uma rede de referência para encaminhamento de casos mais graves”.


Ainda, de acordo com o CFM, para estimular a fixação dos profissionais em áreas distantes e de difícil provimento, o governo deve “prever a criação de uma carreira de Estado para o médico, com a obrigação dos gestores de oferecerem o suporte para sua atuação, assim como remuneração adequada”.

Todos esses pontos constam no “Manifesto dos Médicos em Defesa da Saúde”, documento encaminhado

pelo órgão a todos os candidatos das eleições deste ano, ainda, no primeiro turno. “Comprometido com a Nação, a ser construída com base na ética e na justiça, o CFM se coloca à disposição do Governo para contribuir com a construção de soluções para os problemas que afetam o sistema de saúde brasileiro”, finaliza a nota.

O CFM defende o Revalida como forma de segurança à Medicina e ao paciente. “O CFM, sempre, defendeu a manutenção do Revalida, por entender que esse exame tem funcionado como filtro criterioso para permitir o exercício da Medicina no país, apenas, aos candidatos formados no exterior que comprovem sua capacidade. É uma avaliação necessária para convalidar esses diplomas expedidos por escolas no exterior”, explicou o diretor do CFM, Dalvélio Madruga.

O Coordenador da Comissão de Assuntos Políticos do CFM, Alceu Pimentel destacou que: “Exames como o Revalida são padrão em todo o mundo”. Atualmente, o exame é regulamentado pela Portaria Interministerial nº 278, de 17/03/2011, nos termos do art. 48, § 2º, da Lei nº 9394, de 1996. As provas são aplicadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

O projeto nº 4.067/2015, que transforma em lei o Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Universidades Estrangeiras (Revalida), foi aprovado no dia 18 de abril de 2018, na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. A proposta seguiu para análise da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) e, se aprovada sem mudanças, a matéria será levada diretamente para sanção presidencial. 

Matéria elaborada com base em compilações, nas seguintes fontes: <http://jovempan.uol.com.br> <http://brasil.elpais.com> <http://portal.cfm.org.br> <http://portalsms.saude.gov.br/>

A Origem dos “Médicos” Cubanos

A versão cubano-
brasileira dos feldsher
soviéticos

Francisco Cardoso

Na antiga União Soviética (URSS) existia uma figura no serviço público de saúde denominada “Feldsher”, ou Feldscher em alemão, cujo significado literal era “aparador do campo”. Os feldsher soviéticos eram profissionais da saúde, formados em “saúde básica”, que intermediavam o acesso do povo à medicina oficial, em especial nas áreas remotas, rurais e periferias soviéticas, sendo uma espécie de práticos de saúde, ou paramédicos como são chamados hoje em dia, e exerciam cuidados básicos em clínica, obstetrícia e cirurgia às populações dessas regiões.

Sua inspiração e nome derivavam dos feldscher alemães que surgiram no século XV como operadores de saúde (cirurgiões barbeiros) e com o tempo se espalharam ao longo do que foi o império prussiano e territórios eslavos, compondo a linha de frente também nas forças militares, sendo uma espécie de força militar médica nesses exércitos eslavos e saxões.

Em vários países foram adotados como profissionais da linha de frente, atuando sempre nos cuidados básicos e em alguns casos chegando a se especializar em alguma prática específica, como optometria, dentista e otorrinolaringologia. Na Rússia começaram a se popularizar a partir do século XVIII.

Diferentemente dos médicos, os feldsher possuíam uma formação mais curta e limitada. A duração do curso era em 4 anos e envolvia basicamente treinamento em ciências básicas e treinamento simples em ciências médicas clínicas, em especial medicina interna, serviço de ambulância e emergência pré-hospitalar e sempre tinha um espaço para treinamento militar,

em campo de treinamento do exército, pois os feldsher estavam na linha de frente da nação, nas fronteiras.

Eram 8 anos de colégio mais 4 em treinamento prático, considerados, portanto de nível técnico. Era um treinamento um pouco melhor que a de enfermeira, cujo foco era mais os cuidados básicos de saúde e técnicas/procedimentos de enfermagem.

Os médicos soviéticos, ao contrário, levavam pelo menos 10 anos de colégio mais 7 anos de faculdade com carga horária total pelo menos duas vezes maior (estudavam todos os sábados). Apesar do tamanho valor de formação, seus salários eram ridículos, pois o regime socialista os considerava “servos do povo”.

O sistema cubano de ensino médico reproduziu, a partir do encampamento da Revolução Cubana pela URSS em 1961, esse sistema de formação em saúde. Os médicos cubanos, de verdade, ficam lá em Cuba, em sua maioria. O que Cuba “fabrica” aos milhares, todos os anos, com projetos como a ELAM e demais faculdades, em cursos de 4 anos, não são nada além da versão cubana dos “feldsher” soviéticos. São paramédicos treinados para atuar em linha de guerra, campos remotos e áreas desprovidas em geral.

A diferença é que Cuba “chama” esses feldsher de “médicos”, inflando artificialmente a sua população de médicos. Com essa jogada, Cuba possui um dos maiores índices de médicos por habitante do planeta. E isso permitiu outra coisa ao regime cubano: Usar esses feldsher como agentes de propaganda de sua revolução e seus interesses não apenas dentro, mas fora de seu território.



Ao longo de décadas o regime cubano vem fazendo uso do empréstimo de mão-de-obra técnica, paramédica, porém “vendida” como médica, para centenas de países a um custo bilionário que fica todo com o regime cubano. Literalmente, como na URSS, os feldsher são “servos do povo” (no caso, leia-se “povo” como Partido Comunista de Cuba).

Recentemente a presidente Dilma lançou um demagógico e absurdo projeto de “resgate da saúde” do povo brasileiro às custas apenas da presença de “médicos” em locais desprovidos do mesmo, aliás, por culpa do próprio governo.

Ao invés de pegar os médicos nacionais, recém-formados ou interessados, e criar uma carreira pública no SUS e solidificar a presença do médico nesses povoados, ela resolveu importar feldsher cubanos a um preço caríssimo, travestidos de médicos, ao que seu marketing chamou de “Mais Médicos”. Diante da recusa inicial, simulou-se uma seleção de nacionais, dificultada ao extremo pelo governo, para depois chamar os feldsher.

O objetivo aqui é claro: O alinhamento ideológico entre os regimes, o uso de “servos do povo” para fazer propaganda do governo, encher o bolso dos amigos cubanos de dinheiro e evitar a criação de uma carreira pública que poderia ser crítica e demandadora de recursos. Como não podiam se assumir como feldsher, jogaram um jaleco, os chamaram de médicos e os colocaram para atuar como médicos de verdade.

Por isso as cubanadas não param de crescer. Por isso os erros bizarros, os pânicos diante de pacientes sintomáticos. Os cubanos não são médicos, são feldsher - agentes políticos com treinamento prático em saúde - que vieram ao Brasil cumprir uma agenda política e, segundo alguns, eventualmente até mesmo militar.

São paramédicos. Isso explica as “cubanadas”. Se houvesse decência no Ministério da Saúde da gestão petista, retirariam o termo “médico” desse programa, e seria mais honesto. Mas honesto não ganha eleição nesse país.”



DITADURA EXPLORA MÉDICOS

CUBA FICA COM A MAIOR PARTE DO SALÁRIO E RETÉM A FAMÍLIA PARA IMPEDIR ASILO